



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB) - *Campus*
Riacho Fundo

Trabalho de Conclusão de Curso

Orientador: Luiz Diogo de Vasconcelos Junior **Aluna:** Tatyana Alves Conceição

LINHAS PRETAS: A SUBVERSÃO DA LITERATURA DE MULHERES NEGRAS QUE TRANSBORDA AS BARREIRAS CANÔNICAS DA CASA GRANDE

Tatyana Alves Conceição

Resumo

O presente artigo discute o papel da mulher negra na produção literária a partir da perspectiva decolonial. Possui como linha de análise a obra *Água funda*, de Ruth Guimarães, e o conto “Maria” no livro *Olhos D’Água*, de Conceição Evaristo, partindo da hipótese de que a obra literária internaliza esteticamente as contradições e os dilemas – de silenciamento, subjugação e rebaixamento históricos e culturais de certos períodos – nos dizendo muito, por meio das narrativas construídas ao longo da história, sobre contextos desiguais e opressores. Como pontua Sueli Carneiro (2018), a violência social que se forma cotidianamente com a naturalização do racismo no Brasil, perpetua o preconceito, cria rótulos e estabelece lugares e não-lugares para a mulher negra, provocando um apagamento dessa mulher no campo intelectual. Dessa forma, esse escrito tem como desejo a provocação. Tecer uma reflexão sobre toda essa estrutura racista e sexista que trabalha no sentido de invisibilizar mulheres negras do cenário intelectual e dos espaços de produção e debate do conhecimento. As reflexões contarão com o embasamento teórico de intelectuais negras e feministas que se dedicaram à resistência e à mobilização, construindo um caminho diferente e transgressor, capaz de confrontar construções históricas calcificadas por meio do preconceito que silencia e cerceia mulheres negras da construção de sua própria história.

Palavras-chave: RACISMO; FEMINISMO; RESISTÊNCIA; ESCRITORAS NEGRAS

INTRODUÇÃO

Água Funda (1946) de Ruth Guimarães e *Olhos d'água* de Conceição Evaristo são obras que vão além da própria ação do fazer literário. São linhas que ultrapassam o simples entendimento marcado e instrumentalizado de espaços demarcados e hegemônicos da nossa literatura tradicional. O fio condutor que liga essas duas autoras e a estética existente em suas obras se conecta diretamente à coragem e ao desejo de romper com toda uma estrutura racista, machista e colonial que ainda persiste no meio literário e intelectual. O desejo de mudar a estrutura arcaica, que reproduz ações de impedimento de que mulheres negras narrem suas vivências e desconstruam a tradição histórica da monovisão eurocêntrica e dos discursos coloniais. *Água Funda* e *Olhos d'água*, em diferentes contextos e épocas, dialogam com um Brasil desigual e colonial em suas tradições e costumes. As duas obras retratam uma parcela da sociedade suprimida, calada pelas vozes e escritos hegemônicos, ideias e reflexões que antes eram repassadas apenas pela perspectiva branca e masculina. Ruth Guimarães e Conceição Evaristo revolucionaram pela coragem e sagacidade em descrever exatamente um país sem oportunidades e destoante, desmascarando principalmente o mito da democracia racial.

Água funda de Ruth Guimarães, embora apresente ao leitor uma estética mais poética e filosófica, não deixa de expor aspectos da dinâmica social e os dilemas da vida que afetam psicologicamente cada indivíduo dentro da narrativa. Também possui pontos importantes da história do Brasil, já que a história se passa em um momento de transição, em que o país sai da escravatura e passa ao trabalho livre. Porém, outros desdobramentos de caráter histórico vão se conectando ao cenário, à medida que ações são tomadas no decorrer da história econômica, política e cultural do país, como o problema do desamparo aos escravos libertos, a exploração dos trabalhadores da fazenda e o desalento dos camponeses.

Água funda é considerado o romance de estreia da autora, uma das primeiras escritoras negras a ganhar visibilidade no cenário literário brasileiro. Publicado em 1946, a obra foi lançada no mesmo ano de *Sagarana*, livro de contos modernista, publicado por João Guimarães Rosa, que também apresenta e inicia o leitor a um universo mítico-religioso, marcado por conflitos internos e que mistura múltiplas instâncias da mitologia afro e indígena. O romance é uma narrativa que mescla misticismo e vivência sertaneja, somando-se

aos dilemas psicológicos individuais que denunciam uma vida marcada por desalentos, violência, exploração e a angústia de homens tomados pelo fatalismo. As emoções das personagens contrastam com as dificuldades derivadas do atraso político e social que enfrenta quem trabalha no campo. É uma narrativa de experiências que resgata e, de certa forma, une os acontecimentos da existência humana com a fantasia e superstição sertaneja, onde o caipira encontra explicações para suas mazelas em fantasia e histórias herdadas da tradição indígena.

O romance revela um Brasil escravocrata e colonial, que apesar de intencionar avanços, persiste em velhos moldes coloniais e de exploração de escravos. Em suas linhas, Ruth Guimarães traduz um recorte da história do país e apresenta uma outra face dos avanços almejados, que se deu de forma conservadora e desigual. Em que o país ainda preservava fatores de desigualdade e exclusão, mesmo após o fim da escravidão. Esse fato atravessa também a história da própria autora, pois a sua trajetória se entrelaça com as dificuldades no que se refere às rupturas com a tradição literária conservadora, elitista e patriarcal. Ruth Guimarães, uma mulher negra, e como se denominava, caipira, ingressa no mundo da escrita e coloca a identidade da mulher negra e toda sua representatividade no centro da escrita romancista. Seu romance foi publicado quando ainda era apenas uma jovem de 26 anos, mas com uma determinação inigualável. Teve uma infância cercada por livros e soube aproveitar as oportunidades que suas leituras trouxeram. E mesmo com seu objetivo bem definido nunca abandonou suas raízes, sempre fez questão de ressaltar:

[...] Negra eu sou, o que não é nenhuma originalidade neste país. Negra e escritora, o que já constitui um modo singular de ser, dadas as circunstâncias. Também sou escritora regional e, como caipira, a única. [...] Também sou professora. [...] Não tenho alunos brancos e pretos. Tenho alunos. [...] A minha máquina de escrever é uma arma. [...] Eu venho aos negros da minha terra, meus irmãos, pregar o orgulho. [...] Eu disse que não entendo de queixumes e lamúrias. Há solução para a população negra desta terra. Temos que aprender. Lugar de negro não é no botequim. É na escola. Não é na cozinha. É na escola. Não é na macumba. É na escola. Não é no sambódromo, como espetáculo. É na escola. [...] Eu venho aos negros pregar o orgulho: de sua pele de bronze ou de ébano. Do seu trabalho, da sua inteligência, de sua bondade, de sua alegria, do seu samba, de seu lugar no mundo. Sem escola e sem orgulho, o que nos resta? Porteiro, contínuo, cama, cozinha, fundo de quintal e porta dos fundos. Restam apenas ir para onde nos empurram. [...] Não queremos bondade, nem tolerância, nem paternalismo. Não queremos que falem por nós. Apenas escutem.¹ (GUIMARÃES, 2007 apud SILVA, 2022).

¹ Texto cedido, pela própria autora, a Mário Augusto Medeiros da Silva, durante o Encontro de Gerações, ocorrido no Museu Afro-Brasil, em 2007.

Desse modo, Ruth Guimarães, dotada de muita coragem, tinha plena certeza do contexto em que mergulhava, tinha consciência dos obstáculos e percalços que encontraria, o enfrentamento de uma ordem social machista e racista, até alcançar o seu objetivo. Uma mulher negra, caipira, que ocuparia seu lugar no cenário urbano da intelectualidade paulista, lugar esse composto majoritariamente por homens brancos e elitizados. Talvez por esse motivo, Antonio Candido, ao publicar resenha sobre o romance da autora no Diário de São Paulo, em setembro de 1946, usou dois adjetivos para defini-la: *espeloteada* e *petulante*, impressa em página inteira, sinalizando o difícil caminho até ingressar no círculo fechado da intelectualidade paulistana. A obra *Água Funda* não representa apenas um romance modernista marcadamente regionalista, mas transpõe as barreiras impostas pela colonialidade dentro do grupo seletivo de homens brancos, que formavam a intelectualidade paulista, justamente por ser a primeira mulher negra a furar essa bolha e produzir literatura. Claro que com uma atitude dessas só poderia ser vista pelos homens brancos como petulante, por ousar entrar e romper com toda normativa colonialista que cercava o fazer literário da época. Declaradamente, os dois adjetivos empregados à autora, pelo crítico literário Antonio Candido, dizem muito mais sobre a cultura racista e machista do que propriamente sobre Ruth Guimarães. Em crítica tecida para o Diário de São Paulo, em 18 de setembro de 1946, Antonio Candido declara tratar-se de uma grande história, porém tem dúvidas se a autora pode ser uma boa romancista:

Terminada a leitura, ficamos com a impressão de que, a Sra. Ruth Guimarães possui duas qualidades básicas de ficcionista – estilo e capacidade narrativa –, falta-lhe uma outra, porventura mais importante: composição. Por isso, essa boa escritora, essa esplêndida narradora, não é uma boa romancista. [...] Como quer que seja, vejo em “Água Funda” certa incapacidade de avaliar as possibilidades da ficção, ao lado da incapacidade de equilibrar as partes da narrativa numa urdidura mais sábia. O resultado – me parece – é que a Sra. Ruth Guimarães não aproveitou plenamente o belo material que teve em mão.² (CANDIDO, 2014, p. 16).

A história de Ruth Guimarães teve contribuição valiosa dentro da literatura, isso é inegável. E o fato de sua obra e legado não terem alcançado o espaço merecido coloca em discussão um problema antigo dentro dos círculos literários, da crítica e até mesmo do cânone, o problema do círculo fechado da escrita, composto por homens brancos da elite,

² Resenha publicada em Dossiê Ruth Guimarães, disponível também em: <http://publicacoes.fatea.br/index.php/angulo/article/view/1230/1032>. Acesso em 15/07/2023.

segundo um estudo iniciado em 2003 pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília, sob a coordenação da professora de literatura brasileira Regina Dalcastagnè, o perfil do romancista brasileiro, que se manteve no mercado entre os mais vendidos e lidos em 43 anos, é o homem branco, de classe média, heterossexual e residentes das grandes cidades.

espaço impenetrável e inacessível para mulheres, quiçá uma mulher negra.

Como água correndo entre pedras, Ruth Guimarães abriu caminhos no seu tempo, criou trilhas onde pouca estrada existia. Foi (senão a) uma das primeiras escritoras negras a ocupar o espaço nacional no cenário da literatura brasileira, isto é, a tornar-se visível no mundo público de circulação de discurso enquanto autora de literatura. (MIRANDA, 2019, p. 115).

Olhos d'água, livro de contos de Conceição Evaristo, publicado no ano de 2014 pela editora Pallas, encontram-se reunidas narrativas do cotidiano que trazem como plano de fundo conflitos sociais e psicológicos. A obra tem como foco a problemática histórico-cultural da população afro-brasileira e reúne 15 histórias, sem o maquiamento do verniz social, trazendo para o confronto e a reflexão todo desnudamento da pobreza e violência que sofre a população negra na sociedade, sobretudo a mulher negra:

Na nossa pequena casa, roupas molhadas, poucas as nossas e muitas as alheias, isto é, as das patroas, corriam o risco de mofarem acumuladas nas tinas e nas bacias. A chuva contínua retardava o trabalho e pouco dinheiro, advindo dessa tarefa, demorava mais e mais no tempo. Precisávamos do tempo seco para enxugar a preocupação da mulher que enfeitava a madrugada com lençóis arrumados um a um nos varais, na corda bamba da vida. Foi daí, talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida? (EVARISTO, 2007, p. 16-21).

Embora seja uma literatura que traz uma estética voltada para problemas urbanos e atuais, todo enredo sociocultural aponta para situações históricas de desumanidade, desigualdade e racismo. Conceição Evaristo consegue, por meio de sua estética realista, captar aspectos relevantes e sensíveis que viabilizam uma visão precisa e marcada de realidades sociais ocultas pelo apagamento e supressão históricos da população negra. A

história da autora, assim como de Ruth Guimarães, também transpassam seus próprios escritos. São autoras que criam realidades fora do mundo real, nas linhas do imaginário, mas que, no entanto, não escapam aos entrelaçamentos de realidade social fatídica do mundo externo.

Por isso seus escritos possuem uma simbologia tão importante no campo social e reflexivo, representam resistência e coragem. Conceição e Ruth convertem a realidade transcendente em representações simplificadas. A realidade transcende e é reduzida a instrumentos de observação, por uma ótica experiente e incondicional. Conceição assim como Ruth também cresceu tendo contato com as palavras, com literatura e suas linhas são a tradução de experiências reais, observações cotidianas de seu mundo, sua realidade. Nele encontram-se elementos históricos, sociolinguísticos e culturais. Em entrevista cedida ao periódico *Na ponta do lápis* reflete sobre:

E o meu grande desejo é justamente produzir uma literatura em que o texto fique confundido com essa oralidade. Tem uma expressão aqui [apontando para o livro *Becos da Memória*], que é uma empregada limpando a casa, e eu digo: “Não tinha uma gota de poeira no ar”. Minha revisora diz: “Conceição, não tem gota de poeira”. Eu falei: “Tem. Aqui tem gota de poeira”. Porque é possível dentro da linguagem popular. Você cria metáforas que muitas vezes estão fora de uma gramática ou da forma culta da língua, que eu chamo de “forma oculta da língua”, porque só alguns têm essa oportunidade de se apropriar. E eu quero trazer essa linguagem. Trabalho muito com palavras bantu. Na formação de Minas Gerais, chegaram muitos africanos oriundos das culturas bantu. As palavras africanas são muito tonais, então tem uma sonância bem interessante. Eu também trago algumas palavras do português arcaico, que algumas pessoas mais velhas usam, produzem um efeito bom no texto e fica bonito.³ (EVARISTO, 2017)

Essa questão da oralidade, de aproximar cada vez mais vivências cotidianas e reais é justamente a conversão das realidades transcendentais em representações simplificadas. Uma forma de romper a bolha hegemônica formada por um cânone literário que condiciona e reduz outras escritas, no caso negra, a meras produções sem valor. Quando na verdade são produções riquíssimas, inestimáveis e de muito valor histórico. Elas revelam a história suprimida, deturpada e marginalizada por anos a fio nos livros de história. Duas escritas que se entrecruzam, histórias de um cotidiano sem perspectivas, contexto de exploração,

³ Entrevista concedida à revista *Na ponta do lápis*, publicação de caráter educativo e cultural, editada pelo **Programa Escrevendo o Futuro**, no espaço da exposição “Ocupação Conceição Evaristo”, realizada pelo Itaú Cultural durante os meses de maio e junho de 2017. Disponível também em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/revista-digital/artigo/73/entrevista-conceicao-evaristo>. Acesso em: 22/09/2024.

subjugação e desalento. *Água Funda* e *Olhos d'água* retratam períodos que significam muito, tanto para história do Brasil quanto para reflexão de contextos marcados pelo racismo e a injustiça.

TRANSCENDÊNCIA NARRATIVA: A ARGÚCIA TRANSFORMADORA DO DIZER

O cenário do romance *Água funda* é ambientado no sul de Minas Gerais, na fazenda Olhos d'Água, entre o fim do período escravocrata, ainda no século XIX, e as primeiras décadas do século XX. É narrado em terceira pessoa e dividido em dois níveis temporais, com diferentes personagens centrais. Não segue uma ordem cronológica linear e o foco narrativo que aos poucos determina os rumos da narrativa se apresenta logo no início da obra pela parte final, de repente o narrador dá um salto para o início onde a história da fazenda realmente começa. O narrador faz escolhas que perpassam acontecimentos históricos, pontuando a transição entre épocas e costumes, repleta de choques e conflitos:

[...] Alguma coisa continua triste. Não há sol que espante os pensamentos da gente, num lugar vazio assim. Dizem que esta casa é assombrada por causa do terreirão, onde os negros morriam debaixo de açoite. Muitos não acreditam. São arrasantes. Pode ser e pode não ser (GUIMARÃES, 2018, p. 18).

O romance é narrado em terceira pessoa, embora exista em alguns momentos, um tom em primeira pessoa do narrador, que fala a um interlocutor que não sabemos, pois não é apresentado em nenhum outro lugar do romance. Quem narra conduz a narrativa como se tivesse vivenciado tudo que conta, por esse motivo demonstra total conhecimento dos fatos, como se fizesse parte daquela comunidade narrada. Os dois, tanto narrador como interlocutor, seguem anônimos ao avançar da história. As escolhas narrativas tem um peso dentro do enredo que se manifesta a cada afirmação descompromissada do narrador.

A cada manobra narrativa um mundo se abre diante da imaginação do leitor. Cada passo conduz, influencia e controla as emoções de quem lê. Nesse contexto, Ruth Guimarães atingiu um ponto crucial entre a narrativa e a oralidade. O diálogo do narrador com seu interlocutor segue de forma natural. O leitor adentra o mundo particular campestre, de linguagem específica e credices regionais, ingressando no universo fantástico, mítico e sobrenatural por meio do uso da oralidade, recurso muito utilizado pela autora:

Se era boa? Tão boa bom como mel de jati. É que a Mãe de Ouro tinha enfeitado o homem. A Mãe de Ouro mora do outro lado da serra. Pra lá fica Juruna, no Itaparica, e é um estirão de mais de cem vezes a distância de Nossa Senhora dos Olhos D'Água a Maria da Fé. (GUIMARÃES, 2018, p. 17).

Muitos elementos do folclore brasileiro permeiam o enredo e funcionam como explicação para as tragédias que ocorrem com as personagens. Até mesmo a insalubridade, a qual são submetidos os trabalhadores, o contexto de exploração e toda miséria se tornam elemento secundário, condicionando os indivíduos a aceitarem que não há outra maneira de existir se não aceitar passivamente a toda adversidade por conta das crenças repassadas por dezenas de gerações. No entanto, para além dos acontecimentos fatídicos que ensejam os dilemas de cada indivíduo, existe a junção de desalento e injustiça que atravessa as relações de trabalho na fazenda, fazendo com que todos estejam ligados à mesma teia de tragédias. Algo que independe das superstições e credices folclóricas do lugar, e afeta indistintamente, e de forma coletiva, os indivíduos que exercem relação de trabalho com a fazenda. E nesse ponto, Ruth Guimarães expõe uma problemática persistente no país, e ainda bastante atual sobre escravidão moderna e a exploração da mão de obra análoga à escravidão. Trabalhadores que são submetidos a jornadas exaustivas de trabalho e em condições degradantes.

No Brasil, o agronegócio⁴ é o setor que mais se destaca pela exploração do trabalho escravo moderno. E esse contexto pode ser vislumbrado no romance, se desenvolvendo de forma muito sutil, quando a fazenda é transformada em um grande centro produtor, se tornando mais um componente no grupo do agronegócio. O narrador apresenta como se fosse um momento de confraternização entre empregadores e empregados, uma simples celebração de um contrato bilateral, onde todos ganham. Porém, o outro lado desse discurso passivo, amigável e harmônico, direcionado aos empregados, pode representar, em seu íntimo, uma estratégia de como utilizar a psicologia para adestrar, educar e disciplinar os trabalhadores, ganhando a confiança dos trabalhadores e conseqüentemente a cooperação de todos. Assim, a motivação no trabalho se torna combustível para impulsionar e abrir espaço para exploração, como as horas excessivas de trabalho determinadas ao trabalhador. Dessa forma, a jornada

⁴ Reportagem que trata sobre a escravização moderna e apresenta dados sobre a precarização do trabalho rural e escravização moderna. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/blog/o-trabalho-escravo-no-brasil-e-mais-comum-do-que-voce-imagina-entenda/>. Acesso em: 22/09/2024.

intensa, pesada e exaustiva de labor passa a se chamar “cooperação”, onde o trabalhador coopera e o proprietário lucra:

A companhia mandou um homem tomar conta disso tudo. Foi uma festa. O homem tomou posse num dia bonito de fim de ano. Dezembro, se não me engano. Houve pipocar de foguetes e estouro de champanha na casa-grande. [...] À noite, os acionistas se reuniram e, da varanda toda iluminada, apresentaram o administrador. O chefão falou: “Meus amigos.” – Veja, moço, o chefão, o dono, o mandachuva de tudo, chamando essa bugrada de amigos. – “Meus amigos: estamos aqui para lutar lado a lado, ombro a ombro, como iguais. Eu sei que todos aqui são homens de bem. Vamos, juntos, fazer grandes coisas. Vamos, juntos, tocar para frente, com vontade. Eu espero muito de vós. Eu darei, de minha parte, tudo o que puder. Moçada! Isto se chama cooperação.” – Bateu a mão aberta na gradinha da varanda. – “COOPERAÇÃO. Todos trabalhando para o bem-estar de cada um. Vamos fazer isto aqui, nesta fazenda. Graças a nós, Olhos D’água ainda vai dar muito o que falar. E não quero ganhar sozinho. Quero que todos ganhem. Estou orgulhoso de possuir esta fazenda. É uma beleza!”. [...] “Quem fez, disto, isto que se vê, pode muito. Preciso de alguns conselhos para trabalhar. Quero que me ensinem a trabalhar como trabalharam, para tornar ainda mais bonita a nossa Fazenda. Que é que podemos fazer, de melhoria, para começar? Quem quiser falar, pode subir aqui.” (GUIMARÃES, 2018, p. 55-56).

Como pode ser observado, os tempos são outros na fazenda Olhos D’água, na passagem do tempo a forma de trabalho também mudou, tudo que constituía a fazenda escravista de antes ficou para trás, restou apenas na lembrança, como recorda o narrador ao apresentar o espaço a seu interlocutor:

Antigamente isto aqui não era assim. Quero dizer, era e não era. O engenho está no mesmo lugar e trabalha como antes. As árvores são as mesmas – eucaliptos subindo a ladeira que vai até a casa do administrador. Na refinação é aquele barulho de sempre: maquinaria rodando, correame dando chicotadas no ar e **engrenagens se entrosando**. [...] O engenho é do tempo da escravatura. Seu Pedro Gomes, o morador mais antigo do lugar, ainda se lembra quando o paiol, perto da casa-grande, era senzala. **Antes disso, era só um rancho de tropa, na baixada, e mato virgem subindo o morro. A casa-grande pode-se dizer que é de ontem.** Tem pouco mais de cem anos e ainda dura outros cem. (GUIMARÃES, 2018, p. 17, grifos meus).

Já não se vê mais os escravos, nem a antiga dona da fazenda. Muitas coisas que antes caracterizavam o trabalho desenvolvido na propriedade, como o engenho, por exemplo, com a evolução do agronegócio e o surgimento das usinas de açúcar e álcool, foram sendo desativadas gradativamente. A maneira de lidar com os trabalhadores também apresenta mudança perceptível e não passa despercebida ao crivo do narrador, que comenta a fala do fazendeiro, ao dar oportunidade aos trabalhadores de participarem ativamente dos processos de produção, inclusive dando opinião a respeito da execução dos serviços:

Nunca ninguém tinha dado confiança à caboclada xucra. Nunca tinham perguntado o que era bom fazer. Só mandavam fazer o que pensavam que era bom. Se prejudicasse os camaradas, paciência! Alguém tinha que sofrer. E, se alguém tinha que sofrer, que fossem os caboclos rudes, que nunca tinham feito outra coisa mesmo e já estavam acostumados. Agora ia ser diferente. Cada um era interessado. Cada um tinha direito a ter uma opinião e podia dar opinião. O chefe tinha chamado os camaradas de amigos. E cada camarada ia mostrar como sabia ser amigo. Então tudo floresceu, como floresce a baixada, quando chega setembro. Porque – guarde isto! – porque o homem, por mais ignorante que seja, por mais cego, por mais bruto, gosta de ser tratado como gente. [...] Faz bem cinquenta anos que a Companhia ficou com a Fazenda. Nesse espaço de tempo, quanta mudança! Quanta! [...] O pessoal daqui trabalhava num entusiasmo louco. Os camaradas queriam tanto bem ao chefe que nem chamavam o homem pelo nome. Era o Velho. – Sabe? O Velho esteve aqui na plantação. – Eu vi. Eta homem de tutano! Não respeita chuva. [...] O Velho ia em pessoa ver como estavam plantando. Arranjava um chapéu de palha, arregaçava as calças de casimira, tirava o paletó, e lá ia. – Vamos, moçada! Pra frente com isso! Comia de colher com os camaradas. [...] E o serviço começava. Só se escutava o barulho das enxadas batendo no chão. Na hora do almoço, quando todos largavam e sentavam no chão, para abrir a matula, ninguém se avexava de conversar, de rir, de contar história, perto do Velho. O Velho era um de nós. Estava ali, estava trabalhando. (GUIMARÃES, 2018, p. 56, 57 e 58).

Ruth Guimarães trabalha elementos históricos de transição que o país vivenciou, processos sociais e culturais que auxiliam na compreensão de nossas raízes. É a história que pulsa em seu estado mais poético e estético por meio da escrita. Não há como negar que em seu processo de escrita existe não só a experiência da moça simples do campo, mas também uma combinação perfeita entre o traquejo e a determinação. A autora fala do campo, da vida bucólica, dos dialetos precisos que traduzem em linhas a sociabilidade caipira. Um mundo tão particular mas tão fundamental na constituição de nossa história enquanto povo. E ao contextualizar de forma literária o processo de transição entre escravatura e industrialização, ilustra de forma poética um dos percursos históricos do país. Em vista disso, o narrador segue informando que o engenho ainda continua, no entanto, agora o barulho que se escuta são máquinas e engrenagens. Ponto bem marcado indicando a transição pela qual a fazenda Olhos D'água também atravessa, juntamente com o contexto político, social, e econômico do Brasil. Período histórico onde a economia também sofre mudanças, onde a sociedade almeja avanços. Ruth Guimarães coloca sob foco escravidão e industrialização, e podemos sentir cada mudança operando de forma viva e dinâmica por meio das personagens. A esse respeito pontua Fernanda Miranda em seu livro *Silêncios Prescritos*:

Dentro desses dois campos de significados, a escolha pelas funduras, como veremos, corresponde integralmente ao conteúdo narrativo do romance – que reflete na ficção as mudanças circunstanciais a transição da sociedade escrava para a livre, deixando transparecer, de forma contínua, os resíduos da colonialidade no rastro do tempo, do espaço e dos sujeitos. (MIRANDA, 2019, p. 115).

Em *Olhos D'água*, livro de Conceição Evaristo, sua poética tece linhas que acompanham histórias de personagens marginalizados e desprezados por uma sociedade racista e desigual. Evaristo conta histórias inventadas que traduzem a realidade social de um país marcado pelo atraso e indiferença à população negra.

“Maria”, é um dos contos que retrata essa dura realidade com que se depara a mulher negra. Sem perspectiva de um futuro que lhe garanta o mínimo de dignidade para si e seus filhos, a personagem se vê presa em uma triste travessia de servidão e subalternidade. Ao sair do serviço, onde trabalha como empregada doméstica, volta feliz e aliviada por ter conseguido encher uma sacola com as sobras dos patrões. Maria tem três filhos e se desdobra sozinha, na labuta diária, para oferecer aos filhos o melhor que pode:

Maria estava na parada há mais de meia hora no ponto de ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e quele remedinho de desentupir nariz. Daria pra comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. (EVARISTO, 2016. pg. 39, 40).

A realidade trágica de Maria e seu desfecho nefasto, denunciam a dinâmica de exclusão capitalista que desestrutura formas de vida e faz da miséria e da precariedade formas de existir na sociedade, mantendo cativos indivíduos numa espécie de sociedade selvagem, que condiciona suas vidas fazendo-os acreditar que não existe saída, colocando a miséria e exploração como único caminho possível, sobretudo a população negra. A situação da personagem Maria, ainda que apenas uma narrativa, tece contornos muito expressivos na hora de ilustrar o modelo colonial que ainda impera no país. Numa mesma linha de pensamento, no texto em que prefacia o livro de Abdias Nascimento, *O genocídio do negro brasileiro*, Florestan Fernandes esclarece a dinâmica histórica e social a que vem sendo submetida a população negra:

Da escravidão, no início do período colonial, até os dias que correm, as populações negras e mulatas têm sofrido um genocídio institucionalizado, sistemático, embora silencioso. Aí não entra nem uma figura de retórica nem um jogo político. Quanto à escravidão, o genocídio está amplamente documentado e explicado pelos melhores e mais insuspeitos historiadores. A abolição, por si mesma, não pôs fim, mas agravou o genocídio; ela própria intensificou-o nas áreas de vitalidade econômica, onde a mão de obra escrava ainda possuía utilidade. E, posteriormente, o negro foi condenado à periferia da sociedade de classes, como se não pertencesse à ordem legal. O que o expôs a um extermínio moral e cultural, que teve sequelas econômicas e demográficas.⁵ (FERNANDES, 2016, p. 19-20).

Esse pensamento coloca em questão a engrenagem social, e alinha aos processos de escravidão moderna, em que a mulher negra tem seu papel bem definido e previamente traçado. Tendo que lutar todos os dias pelo mínimo da sobrevivência, além de ter que se preocupar com as chagas da violência a que é submetido seu corpo. Sua existência vira um alvo, objeto de ódio e aversão social. O conto expõe a problemática social contemporânea. No entanto, suas feridas são atemporais, mostram raízes bem mais profundas e estruturais. Na introdução de seu livro, Abdias discorre:

Desde os primeiros tempos da vida nacional aos dias de hoje, o privilégio de decidir tem ficado unicamente nas mãos dos propagadores e beneficiários do mito da “democracia racial”. Uma “democracia” cuja artificiosidade se expõe para quem quiser ver; só um dos elementos que a constitui detém todo o poder em todos os níveis político-econômico-sociais: o branco. Os brancos controlam os meios de disseminar as informações; o aparelho educacional; eles formulam os conceitos, as armas e os valores do país. Não está patente que neste exclusivismo se radica o domínio quase absoluto desfrutado por algo tão falso quanto essa espécie de “democracia racial?”.(NASCIMENTO, 2016, p. 54).

Dessa forma, o autor expõe a gênese da questão alinhando fatores históricos e as transformações contemporâneas decorrentes do mesmo modelo tradicional e colonialista de controle. Conceição Evaristo revela, por meio de suas linhas, que seus escritos são compostos da mesma substância que jorra de suas experiências, onde suas linhas cruzam dois mundos que se chocam, ficção e vida real partem de uma única raiz, partem do mesmo princípio social, cultural e histórico de um país.

A própria autora experienciou essa realidade, uma mulher negra, romancista, contista e poeta, que vem também de um contexto muito pobre e difícil, teve que sair da casa da mãe e ir morar com sua tia materna para não dar mais despesas em casa. Evaristo viveu seus

⁵ O texto em questão é parte do prefácio do livro *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*, de Abdias Nascimento, escrito por Florestan Fernandes.

primeiros anos em uma comunidade já extinta ainda na década de 1970, localizada na zona sul de Belo Horizonte, localmente conhecida como *Favela do Pindura Saia*. Evaristo relata que o trabalho doméstico sempre esteve presente na vida das mulheres de sua família, sendo sua única fonte de renda.

MARCAS EMOCIONAIS SUBJETIVAS DO AUTOR: AS VOZES LITERÁRIAS

A partir das questões levantadas pelo conto Maria, que coloca a realidade material da personagem protagonista, como uma mulher que enfrenta muitas dificuldades até encontrar seu destino fatíloquo, é possível observar também, tanto no conto de Evaristo como no romance de Ruth Guimarães, camadas profundas de subjetividade e reflexão, nas quais o autor projeta aspectos da realidade de seu próprio universo, experiências de vida e visão de mundo que seria impossível separar do texto produzido. Essas marcas textuais, expressas na obra, são as principais responsáveis por criar a originalidade e ao mesmo tempo conectar o texto com a realidade subjetiva do autor, é o que faz da obra um elemento singular e especial. Por tanto, existem as técnicas, a forma, porém o conteúdo é algo particular de cada escritor, um mundo completamente à parte, mas ao mesmo tempo inseparável da realidade subjetiva. Isso torna a escrita literária única e ao mesmo tempo paradoxal. Maria tinha como única fonte de renda o trabalho doméstico, era dos serviços prestados em casa de família que ela tirava seu sustento e o dos filhos. Mesmo sonhando com uma vida melhor, estava condicionada a repetir os ciclos intermináveis de suas antecessoras (avós, mães e tias) por não encontrar oportunidades e nem maneiras de criarem seus próprios caminhos, longe da miséria e privação:

A palma de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca a laser corta até a vida! Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entre as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida. Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era

difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem sentou-se a seu lado. Ela lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam de gêmeos e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai de seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Porque não podia ser de uma outra forma? Por que não podiam ser felizes? e o menino, Maria? Como vai o menino? Cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve outros dois filhos, mas não tinha ninguém também. Ficava, apenas de vez em quando, com um ou outro homem. Era tão difícil ficar sozinha! E dessas deitadas repentinas, loucas, surgiram os dois filhos menores. E veja só, homens também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente. Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito... (EVARISTO, 2016, pg. 40).

A realidade social de mulheres negras no Brasil é marcada pela junção de opressões de gênero, raça e classe, constituídas por muitos séculos de desigualdade racial e patriarcal. As condições de vida e de trabalho das mulheres negras são substancialmente mais difíceis do que as de outros grupos sociais, principalmente em relação a homens e mulheres brancas. Essa dura realidade que é a vida da autora e das mulheres de sua família que viam na subalternidade o único caminho imposto a elas, Lélia Gonzalez em seu livro, *Por um feminismo afro latino americano* ressalta:

Quase metade da força de trabalho feminina e mais da metade das mulheres negras estão empregadas no setor de serviços ou são trabalhadoras autônomas ou trabalhadoras familiares não remuneradas na agropecuária. No setor de serviços, encontramos o “lugar natural” da mulher negra que trabalha nas cidades: o emprego doméstico. (GONZALEZ, 2020, p. 194).

E essa realidade é vivida tanto por Maria, no conto, quanto por Evaristo e as mulheres de sua família, corroborando com o pensamento de Lélia Gonzalez sobre a falta de oportunidades que mulheres negras encontram e que acabam sendo empurradas para a subalternidade. No jogo de palavras escritas por Evaristo, ela brinca de narrar realidades e, narrando, vai tecendo o fio das vidas de suas personagens. Como quem orchestra, a contista costura palavras que traduzem experiências e vivências, coloca em foco a vivência do outro confrontando fato e ficção, numa dança constante entre poética e dor; estética e resistência. Maria não só protagoniza a história de sua vida como, também, reflete por meio da ficção as configurações de um sistema consciente que perpetua a dominação, a violência e o racismo.

Maria só tinha um desejo: poder ofertar um futuro melhor para seus filhos, garantindo a eles as oportunidades que não teve, ou melhor, que lhe foram tiradas em virtude de uma estrutura opressora, racista e injusta: “Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas”. (EVARISTO, 2016, p. 41). Como dito pela própria personagem, em um de seus fluxos de pensamento: “Que coisa! Faca a laser corta até a vida!”. Fazendo alusão ao nível de afiamento da faca, ferramenta de trabalho a qual usa para cortar o pernil que será servido na festa da patroa.

O banquete, preparado por ela, era reservado aos convidados da patroa, ela não teria a chance de provar. Apenas levar os restos para alimentar sua família, o osso do pernil viraria banquete em sua casa. “A faca a laser que parecia cortar até a vida”, não se mostra no conto por acaso, o jogo de linguagem e de sentidos utilizado por Evaristo, para falar da precisão da lâmina da faca, simbolicamente declara que, o mesmo instrumento de trabalho utilizado para cortar o pernil, cortava-lhe também a alma, a vida. Seus sonhos, sua vida sofrida e pesada era cotidianamente cortada por uma lâmina muito afiada que “cortava até a vida”. Essa lâmina, da qual a personagem tem receio, por ser muito afiada, é também a lâmina que corta sua vida, traça seu destino e bloqueia suas conquistas. Essa lâmina, invisível, que só podemos ver com o olhar acurado do senso crítico, por meio da observação honesta e atenta, representa de forma bem didática os resquícios coloniais de poder, que condicionam a vida de dezenas de mulheres negras na sobrevivência.

Maria abriga dentro de si muitas outras Marias, muitas Evaristos e Ruth Guimarães, mulheres com suas vidas atravessadas pelo descaso, pela exclusão, preconceito e violência. Mulheres com muito a dizer, muito a contribuir na compreensão de uma sociedade pobre, miserável em humanidade e profundidade social. Talvez Maria não tivesse certeza de seu destino, mas o que a mantinha de cabeça erguida todos os dias era a certeza de sua luta, do seu esforço para que os filhos um dia pudessem desfrutar de uma vida mais digna e com mais oportunidades, diferentemente da que levava ela:

Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: *Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois*. Outra voz ainda lá no fundo do ônibus acrescentou: *Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também*. Alguém argumentou que ela não tinha descido só pra

disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. *Mentira, eu não fui e não sei por quê.* Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que relembavam vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: *Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!* O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. *Olha só, a negra ainda é atrevida,* disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: *Lincha! Lincha! Lincha!...* Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira: — Calma pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos... *Lincha! Lincha! Lincha!* (EVARISTO, 2016, pg. 41).

A dura realidade de Maria nos faz refletir sobre qual o valor da vida, em uma sociedade cada vez mais alavancada pela exploração. Vidas marginalizadas pelo preconceito. Onde as relações são valoradas no consumo, a razão de existir se transformou no desejo de compra, de acumulação. Maria simboliza a luta pela autonomia e liberdade, em uma sociedade que marginaliza a mulher negra, objetifica e violenta seu corpo. Duas obras que retratam com honestidade e muita verdade o modelo sócio-econômico do Brasil. Lélia Gonzalez no texto “Mulher negra: Um retrato”, faz um panorama sobre a vida da mulher negra no contexto atual:

Veio de Minas, ainda menina que gostava de brincar, de correr pelos espaços amplos e livres da fazenda do interior. Veio com a mãe e os irmãos. Seu pai? Ficara por lá mesmo, com a esposa legal e os filhos idem. Rio de Janeiro, cidade grande onde a gente pode ganhar dinheiro e viver bem: assim dissera sua mãe, cansada de trabalhar na fazenda e cansada daquele homem que lhe fizera três filhos, mas que nunca vivera com ela na mesma casa. Mas como chamar de casa aquilo onde moravam? Se era de sapapo, de pau a pique, de chão de terra batida, de telhado de sapê? No Rio eles teriam uma casa de verdade, pois ninguém ali tinha medo de trabalho; as crianças já estavam acostumadas com o trabalho na roça. Além disso, a menina já estava com dez anos, ficando mocinha. Muito trabalhadeira, sabe? Daquele tamaninho, ela trepava num banquinho pra mexer doce naqueles tachos grandes, na cozinha da fazenda. Desde cedo já sabia lavar, passar, cozinhar e varrer o terreiro que nem um brinco. Tinha lá suas manias de correr que nem uma cabritinha no meio das outras, coisa de criança, né? Escola, não. Era muito longe, quase meio dia de viagem a pé; e o trabalho na roça, na cozinha da fazenda, as miudezas pra fazer em casa não deixavam não. Se a gente tem saúde pra trabalhar, não precisa de mais nada. Deus ajuda a gente. De vez em quando chegava uma carta da prima contando tanta coisa bonita do Rio que dava vontade de conhecer, de viver, de ter casa de verdade. Foram morar numa favela que disseram que tinha sido um quilombo. A vista lá de cima é linda, Dá pra ver o mar, o Cristo, as casas grã-finas das madames lá de baixo e também quando o camburão vem dar uma blitz no morro. Primeiro a gente fica com medo, mas depois se acostuma. Que que se pode fazer, né? Triste

foi quando houve aquele tiroteio e mataram o filho da vizinha ali de cima. Só tinha dezoito anos. Custaram pra levar pro necrotério e ele ficou ali, caído, uma porção de moscas em cima. Marginal, sabe? Coitada da mãe, tanto sacrifício pra nada. a irmã dela, que mora naquele barraco perto do barranco, o marido está preso há uns cinco anos e tem mais uns dez pela frente. A coitada dá um duro danado pra sustentar os filhos. Trabalha de cozinheira num botequim lá perto da Central, carteira assinada e tudo. O emprego é bom porque sempre dá pra trazer umas coisinhas pras crianças comerem. (GONZALEZ, 2020, p. 173-174).

Tanto Conceição Evaristo quanto Ruth Guimarães mostraram, por meio de suas linhas, a imagem dessa mulher preta [...] que só consegue formatar sua subjetividade como objeto inferior, ou objeto que supre as necessidades de outro alguém, seguindo o padrão da subalternidade. (RIBEIRO, 2019). *Água funda* e *Olhos D'água* são obras que abrem caminhos para uma análise mais profunda e consciente sobre a realidade do país, amplia os processos de compreensão da subjugação e do apagamento desses corpos que são a nossa história, elemento fundamental na constituição de nossas próprias narrativas. Esse mesmo contexto de apagamento e silenciamento dos corpos exprime um cenário histórico do Brasil em detrimento de uma classe que sempre predominou no país. As obras exprimem com maestria as contradições do projeto modernizador vivido pelo Brasil na primeira metade do século XX e que perduram ainda nos dias atuais, sobre subdesenvolvimento e desigualdade. Em consonância com acontecimentos históricos, em *Água funda*, a derrota da empreitada civilizatória traz elementos muito bem marcados socialmente, como o apagamento da figura feminina dentro da obra e sua correlação com o silenciamento do corpo negro, tendo o impedimento como ferramenta de opressão.

O corpo negro traz consigo, desde tempos colonizatórios, a impossibilidade. O cerceamento de exercer seus direitos, sua existência plena. Em depoimento concedido ao seminário “Encontro de Gerações”, Ruth Guimarães fala sobre a questão do negro no Brasil: “Nós precisamos saber da raiz negra de onde viemos. A história negra está por fazer, a literatura negra está por fazer, a poesia está por fazer”. (GUIMARÃES, 2007). Pois assim como a exploração dos trabalhadores revela uma relação desigual, assim também vai se desvelando o modo como a existência das mulheres da fazenda Olhos D'Água é condicionada a do homem. Ruth Guimarães retrata essa diferença de gênero na vida cotidiana da própria Sinhá Carolina, proprietária da fazenda, que mesmo sendo a dona da fazenda e chefiando

tudo, ainda assim, precisa carregar seu casamento nas costas e conseqüentemente o marido, um “bon vivant”, que não dava a mínima para o casamento:

Sei dizer que o casamento foi numa quarta-feira e na outra quarta-feira ainda estavam festando. [...] O enxoval foi uma beleza, isso dito por gente acostumada a lidar com coisas finas: a roupa de cama toda de cambraia e linho português, encorpado, e a roupa de uso de um linho bom que chamavam Holanda. É ditado dos antigos: casamento que começa com foguete, acaba com porrete, esse não acabou com porrete, mas foi muito pior. [...] No começo tudo são flores. Não é só em casamento. Os dois pombinhos, assim que vieram morar nesta casa, se davam como Deus com os anjos. Depois o Sinhô começou a se atirar em tudo quanto era farra, junto com seu Pereira. Se é verdade que a porca de sete leitões aparece perto do angico, para marido tresnoitador, Sinhô foi um que se encontrou com ela muitas vezes. Mulher, para ele, qualquer uma servia. Andava atrás de quanta saia aparecia por aí. E até disseram que a mucama, que veio com Sinhá, tinha tido um filho dele. Deus que não me castigue, se não é verdade, que eu não vi. Sinhá não brigava com ele. Tinha se casado contra a vontade dos pais e aguentava tudo sem se queixar. Ou então, se brigava, era tão escondido, que nem o pessoal da cozinha, que vivia com o ouvido afiado para pegar alguma coisa, sabia de nada. Andavam assim: ela para um lado, o marido para outro. De vez em quando ele vinha, amargo e cansado, e chorava, com a cabeça no colo de Sinhá.

– Tenho uma santa em casa – dizia.

Ou então:

– Eu não mereço a mulher que tenho.

Sinhá acreditava no arrependimento dele e perdoava. Não levava muito tempo, fazia pior. Isso já vinha muito de trás. O pai era assim, e o avô também, e o que é de raça corre caça. Da primeira vez, Sinhá quis ir embora para casa dos pais, mas ele tanto pediu, tanto fez, tanto prometeu, que ela ficou. Mulher, pelo coração, a gente leva para onde quer. As coisas mudaram, mais tarde, quando já não adiantava nada mudar. Dava na mesma, se continuasse como antes. Quando Sinhá teve Sinhazinha Gertrudes, que Deus haja, ficou à morte. Então Sinhô, fosse remorso, ou fosse promessa, ou fosse que já estava enjoado de bater cabeça, mudou da água pro vinho. Bom ele sempre foi. Era um pouco voado, só. Muitos criam juízo cedo. Ele demorou mais e a culpa não era dele. Estava na massa do sangue. Ainda por cima, tinha se casado cedo, sem tempo para o juízo assentar. Quando endireitou o mal estava feito. Tinha se endurecido o coração de Sinhá. (Guimarães, 2018, p. 19-20, 21).

Nesse trecho, Ruth Guimarães dedicou-se a ilustrar como se davam as relações conjugais da época. Já que o casamento, no Brasil colonial, era uma instituição de grande importância social, política e religiosa, sendo profundamente influenciada pela Igreja Católica e pelos valores da elite patriarcal. Esse período, que corresponde em parte ao Brasil Império, era empregado na sociedade brasileira como instrumento de organização social, ou seja, a igreja, por meio do casamento, estruturava a sociedade, tamanho era seu poder e dominação. Assim, o matrimônio, como forma de estruturação social, detinha plenos poderes sobre a estruturação e funcionamento das famílias.

As mulheres são ‘expostas à vulnerabilidade durante o período de desenvolvimento por suas expectativas pessoais (e socialmente reforçadas) de que serão as principais responsáveis pelo cuidado com as crianças’, o que orienta seu comportamento para a conquista do casamento, já que atrair e manter o suporte econômico de um homem torna-se necessário para o cumprimento do papel que se espera que desempenhem. (MIGUEL & BIROLI, 2014, p.35)

Todavia, para a mulher negra esse cenário é ainda mais problemático, pois concomitantemente à luta de mulheres brancas pelos direitos de poder votar ou ocupar espaços públicos, a mulher negra sonha em ser reconhecida enquanto humana. Já que sua existência, constantemente ameaçada pela opressão colonial eurocivilizatória, estava atrelada ao contexto de escravização e a processos extremamente violentos. Sua existência, constantemente aniquilada e reduzida ao lugar de subalterna, não lhe permitia outro lugar, outros sonhos a não ser o não-lugar. Como Lélia Gonzalez expõe, sobre o modo que o sexismo e o racismo atuam, sempre na invisibilidade e no apagamento da intelectualidade da mulher negra:

Ao caracterizar a função da escrava no sistema produtivo (prestação de bens e serviços) da sociedade escravocrata, Heleieth Saffioti mostra sua articulação com a prestação de serviços sexuais. E por aí ela ressalta que a mulher negra acabou por se converter no “instrumento inconsciente que, paulatinamente, minava a ordem estabelecida, quer na sua dimensão econômica, quer na sua dimensão familiar”. [...] constatamos que o engendramento da mulata e da doméstica se faz a partir da figura da mucama. E, pelo visto, não é por acaso que, no *Aurélio*, a outra função da mucama está entre parênteses. E é nesse cotidiano que podemos constatar que somos vistas como domésticas. Melhor exemplo disso são os casos de discriminação de mulheres negras de classe média, cada vez mais crescentes. Não adianta serem “educadas” ou estarem “bem vestidas” (afinal, “boa aparência”, como vemos nos anúncios de emprego, é uma categoria “branca”, unicamente atribuível às “brancas” ou “clarinhas”). Os porteiros obrigam-nas a entrar pela porta de serviço, obedecendo instruções dos síndicos brancos (os mesmos que as “comem com os olhos” no Carnaval ou nos oba-obas da vida). Afinal, se é preta só pode ser doméstica, logo, entrada de serviço. (GONZALEZ, 2020. p.82, 83).

Esse lugar de que fala Lélia Gonzalez expõe uma força hierárquica implantada por um colonizador, transmitida por meio de discursos opressores e violentos de que os valores da cultura ocidental branca é a única verdadeira e universal. Herdamos assim, valores culturais históricos que perpetuam o racismo, transmitidos de geração em geração, formando a história e, conseqüentemente, uma sociedade desigual.

A literatura negra, produção literária escrita pelo próprio negro, reflete em si um caráter subversivo, pois retrata um passo significativo rumo a emancipação e autonomia, rebelando-se contra uma conjuntura socialmente marcada pelas condições históricas de silenciamento, privação e apagamento do negro por uma cultura supremacista branca e colonizadora. O domínio da escrita, do conhecimento, das técnicas, restrito apenas à casa-grande, ao homem branco, jamais disponível ao âmbito da senzala. Em depoimento concedido ao seminário “Encontro de Gerações”, Ruth Guimarães fala sobre a questão do negro no Brasil: “Nós precisamos saber da raiz negra de onde viemos. No entanto, uma escrita literária se torna uma grande conquista, em meio a uma realidade histórica onde negros eram proibidos de falar, podendo apenas repetir os moldes ditados pela visão do dominador. A história negra está por fazer, a literatura negra está por fazer, a poesia está por fazer. (GUIMARÃES, 2007). Pois, assim como a exploração dos trabalhadores revela uma relação desigual, assim também é revelado o modo como a existência das mulheres da fazenda Olhos D’Água é condicionada ao homem.

Como expressa Lélia Gonzalez, agora é a vez da mulher preta falar, confrontar e aprofundar ainda mais a reflexão sobre esse lugar ou não-lugar em que a mulher negra sempre foi colocada, isso significa muito, pois ela tem muito a dizer. Após centenas de anos sendo silenciada:

O fato é que, enquanto mulheres negras, sentimos a necessidade de aprofundar nossa reflexão, em vez de continuarmos na reprodução e repetição dos modelos que nos eram oferecidos pelo esforço de investigação das ciências sociais. Os textos só nos falavam da mulher negra numa perspectiva socioeconômica que elucidava uma série de problemas propostos pelas relações raciais. Mas ficava (e ficará) sempre um resto que desafiava as explicações. E isso começou a nos incomodar. Exatamente a partir das noções de mulata, doméstica e mãe preta que estavam ali, nos martelando com sua insistência. (GONZALEZ, 2020, pg. 76, 77).

Diante do cenário de subjugação feminina, em relação ao patriarcado, a situação da mulher negra nesse contexto é ainda mais problemática. Concomitantemente à luta de mulheres brancas pelos seus direitos, acesso ao voto, ocupar espaços públicos, poder estudar, a mulher negra estava envolvida na luta diária pelo reconhecimento enquanto humana. A sua existência, constantemente ameaçada pela opressão colonial eurocivilizatória, estava atrelada ao contexto de escravização e a processos extremamente violentos.

Segundo expõe bell hooks, a luta pelos direitos de acesso à educação não se resume somente ao âmbito escolar. Ela tem efeitos mais amplos e profundos e traduz todo esforço da mulher negra pela libertação, não só de poder subverter uma ordem, mas de poder refletir criticamente sobre ela. Poder adquirir consciência crítica e traçar seu próprio caminho para a mudança da história:

Produzir um *corpus* de literatura feminista junto com a demanda de recuperação da história das mulheres foi uma das mais poderosas e bem-sucedidas intervenções do feminismo contemporâneo. Em todas as esferas da escrita literária e da bibliografia acadêmica, trabalhos produzidos por mulheres haviam recebido pouco ou nenhuma atenção, uma consequência da discriminação de gênero. [...] O movimento feminista criou uma revolução quando exigiu respeito pelo trabalho acadêmico de mulheres, reconhecimento desse trabalho do passado e do presente e o fim dos preconceitos de gênero em currículos e na pedagogia. (HOOKS, 2020, pg. 42, 43).

Esses aspectos afetam de forma direta e indireta a produção não só artística como também cultural da população negra, por conta do cerceamento e impactos violentos do colonialismo, deixando marcas profundas na constituição do sujeito e minando a sua autoestima enquanto produtoras:

De acordo com a ideologia dominante, a população negra era supostamente incapaz de progressos intelectuais. Afinal, essas pessoas haviam sido propriedade, naturalmente inferiores quando comparadas ao epítome branco da humanidade. Mas, se fossem realmente inferiores em termos biológicos,

as pessoas negras nunca teriam manifestado desejo nem capacidade de adquirir conhecimento (DAVIS, 2016, p. 109).

Historicamente a população negra foi, a partir do racismo, caracterizada com uma visão discriminatória e estereotipada - incapaz ou selvagem. Em seu livro: *Mulheres, raça e classe* (2016), Ângela Davis explica como, mesmo depois de muita luta pela libertação, o povo negro ainda carrega os grilhões do preconceito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse sentido, a escrita da mulher negra representa o falar, os dizeres que a muito foram silenciados ou mesmo apagados, sob outro ângulo, as vivências que foram suprimidas do cânone. A escrita da mulher negra, como pontua Conceição Evaristo são “*escrevivências*”, a escrita de um lugar enunciativo, da vivência de quem tem sua própria experiência compartilhada através da obra literária. Apesar dessas narrativas sobre mulheres negras, construídas a partir de um lugar e atravessadas pelo cenário pós-colonialista, é fundamental compreender a obra literária enquanto reflexo do processo histórico, político e social. A atmosfera estética das elaborações tecidas pela autora em *Água funda*, transfigura a visão por parte do sertanejo que se confunde entre lendas do imaginário popular, dissimulando o verdadeiro atraso e exploração sofridos pelos trabalhadores da fazenda em regime de semiescravidão. Assim como em *Olhos D'Água*, onde a narrativa de Maria poderia passar como mais um dia de violência cotidiana na cidade. Não fosse pelo caráter social e politizador na essência dessas linhas, trazendo a tristeza da realidade material de uma sociedade injusta e desigual. Maria e Sinhazinha Carolina fazem parte de um contexto que evidencia uma relação desestruturada, não só economicamente como também a das relações afetivas, fadadas ao fracasso. Além de expor um atraso sistêmico, resultado de problemática mais complexa, fruto de uma conjuntura profundamente sulcada pela escravidão, pelo latifúndio, pela exploração e pela espoliação dos bens materiais e culturais, elementos que se articulam e se renovam no espectro da realidade nacional:

Nem a ciência, nem os seus diversos ramos, nem a arte, possuem uma história autônoma, imanente, que resulte exclusivamente da sua dialética

interior. A evolução em todos esses campos é determinada pelo curso de toda a história da produção social em seu conjunto: e só com base neste curso é que podem ser esclarecidos de maneira verdadeiramente científicas os desenvolvimentos e as transformações que ocorrem em cada campo singularmente considerado (LUKÁCS, 2009 p. 88).

O período pós colonialista tem importância central para a compreensão política, social e histórica do desenvolvimento do Brasil. Os dilemas e as contradições burguesas e capitalistas daquele período abrem espaço para o desenvolvimento de um cenário que oprime e silencia corpos e falas de um determinado grupo social. Pensando nisso, é importante destacar que nós não podemos cair na ideia equivocada de que questionar esse funcionamento não tenha ainda hoje importância política, social e histórica. É preciso compreender que movimentos que pensam e analisam esse contexto são fundamentais no reconhecimento de tantos corpos silenciados, seja por sua eficácia no questionamento do lugar que homens e mulheres ocupam dentro dessa estrutura, seja para entender como o sistema se apropria desta dinâmica a fim de beneficiar a si próprio.

O romance de Ruth Guimarães apresenta, por meio de sua narrativa, uma reconstituição etnográfica de um Brasil marcado pela diferença e exploração. As linhas escritas por Conceição Evaristo e que tecem a vida de Maria, em sua volta para casa após um dia cansativo de trabalho árduo e mal remunerado, dizem muito sobre a realidade social da mulher negra no Brasil em dias atuais. Ambas narrativas expõem uma sociedade que teve seus processos colonizadores baseados em um sistema violento de exclusão, silenciamento, subjugação e apagamento de corpos negros e também feminino que perduram ainda em dias atuais, numa completa lógica de dominação, tendo em vista que o fundamento dessa sociedade seria a pós colonização. Compreende-se que o contexto colonial do Brasil traz em suas bases uma conjuntura essencialmente patriarcal e uma sociedade constituída, basicamente, de uma elite portuguesa que acumulava riquezas proveniente da força de trabalho escravo. Nesse contexto, as mulheres, assim como os indígenas e os negros, tiveram conseqüentemente suas histórias apagadas e desconsideradas durante o período.

7. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Editora Jandaíra, 2020.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. **Feminismo e política: uma introdução**. Boitempo Editorial, 2015.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. 1º Edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

EVARISTO, Conceição; CULTURAL, ITAÚ. Ocupação Conceição Evaristo. **Itaú Cultural**, 2017.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 16-21, 2007.

GUIMARÃES, Ruth. **Água funda**. Editora 34, 1º Edição. São Paulo, 2018.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos / organização Flávia Rios, Márcia Lima**. - 1º Edição - Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. "**O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**." Tradução: Bhuvi Libanio. - 13º Edição - Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. - 2º edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**, Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

PINACOTECA DE SÃO PAULO. **Roda de conversa Grada Kilomba e Djamila Ribeiro**. Grada Kilomba: Desobediências Poéticas. A artista em conversa com Djamila ribeiro. São Paulo, 2019.1 vídeo (1:45:05). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ovSKrDLs9Ro&t=1422s>

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

SEGATO, Rita Laura. **Os percursos do gênero na antropologia e para além dela**. 1998.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Os acontecimentos de Ruth Guimarães (1920-2014): alcances e limites para uma intelectual negra em São Paulo. **cadernos pagu**, p. e226510, 2022.